

EM QUE CONSISTE O FILOSOFAR NA DIMENSÃO E NO MUNDO ÉTICO: APROXIMAÇÕES E REFLEXÕES

Cláudia Battestin^{*}

Arnaldo Nogaro^{**}

Gomercindo Ghiggi^{***}

Resumo: O presente artigo tem como objetivo investigar a importância e a influência do filosofar na dimensão ética. Através de uma pesquisa de cunho bibliográfico, observamos que a realidade nos impõe uma reorientação radical sobre o nosso modo de viver, e principalmente sobre as formas de pensar. Observamos que existe uma grande desorientação ética que acaba exigindo uma resposta oriunda das emoções dos seres humanos, que se apoia em uma racionalidade aberta ao diálogo, orientada no entendimento entre todos os envolvidos na construção e na reconstrução das diferentes realidades vividas. Entendemos também, que a educação não se manifesta dentro de uma sociedade como um fim em si mesma, na medida em que ela é um instrumento de transformação social. Outrora, a sociedade é cercada de valores decorrente de muitas práticas educacionais, porém, não são essas práticas que estabelecem os seus fins, e sim, a reflexão acerca do próprio ato de pensar sobre as práticas.

Palavras-chave: Filosofia. Educação. Ética. Mundo.

Introdução

A ética, com origem grega (*ethos*), indica um modo de ser, de caráter, de valores morais e principalmente de conduta humana. A ética é construída na base de valores históricos, sociais, culturais e econômicos, possibilitando um equilíbrio entre as sociedades, pois está relacionada com o sentimento de justiça, e não com o princípio legislador. No âmbito da Filosofia, a ética é considerada uma ciência que estuda além dos valores, os princípios morais de uma sociedade e seus grupos. Recorrendo a Vázquez (2002), um estudioso reconhecido na área, lá encontramos como definição para ética: teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade. Seu objeto de estudo são os atos humanos:

^{*} Professora da URI- PPGEDU Frederico Westphalen. Doutora em Educação. E-mail: battestin@uri.edu.br

^{**} Professor da URI –Campus de Erechim e PPGEDU Frederico Westphalen. Doutor em Educação. E-mail: narnaldo@uri.com.br

^{***} Professor da UFPEL. Doutor em Educação. E-mail: ghiggi@terra.com.br

atos conscientes e voluntários dos indivíduos que afetam outros indivíduos, determinados grupos sociais ou a sociedade em seu conjunto.

Na compreensão de Caldeira, a Filosofia sempre foi “(...) uma forma de entender e de transformar a realidade, a partir da própria exigência vital, do próprio mundo e do próprio tempo” (1996, p. 72). Ou seja, os filósofos tiveram enquanto exigência vital, tentar resolver os problemas recorrentes de suas épocas históricas, sempre em conformidade com as demandas da realidade, o que levou Caldeira a interpretá-los como “protagonistas da aventura teórica”. Ao encontro desta ideia, Garcia Marzá analisa a filosofia como um importante meio para manter desperto “(...) um determinado sentido de humanidade” (1993, p. 09). É importante pensar a filosofia do ponto de vista pedagógico, pois quando a filosofia nasce na Grécia, nasce intimamente articulada com uma pedagogia, uma Paidéia, elevando a capacidade do conhecimento e do agir democraticamente na *pólis grega*.

Não é verdade que a filosofia se constitui num saber reservado, difícil, complicado e inacessível ao homem, apresentando-se como uma especulação separada da vida. Ela é a consciência despertada no coração do ser humano. É seu olhar novo sobre o mundo. A atividade filosófica não consiste em justificar e legitimar o já sabido, mas em elaborar constantemente uma crítica do pensamento sobre ele mesmo. No mínimo, para buscarmos saber como e até onde poderíamos pensar de outra forma.

O filosofar na dimensão e no mundo ético, consiste na crítica permanente do *ethos*, isto é, na orientação de vida pautada na responsabilidade e na solidariedade do homem por si mesmo e pelo próximo. É fundamental pensarmos como a ética se constitui em uma área de reflexão filosófica. A ética, esta sim, tem uma relação restritamente humana, pois acompanha a historicidade e os fatos da relação do homem com o meio.

É pensando no sentido de humanidade, que analisamos a importância de uma educação voltada a realidade vigente, aos impactos sociais, culturais, econômicos e éticos. A ética pressupõe a existência do agir e do *outro*, pois é a partir do agir responsável e consciente que ela se manifesta, formulando normas para a ação ou agir humano. A ética é um conhecimento racional que se preocupa em definir o que é bom. Na interpretação de Rios (2001), é através do domínio da ética que poderemos problematizar o que é bom ou ruim para uma determinada sociedade, analisando os fundamentos e valores que apontam para o horizonte do bem comum, diferente de um bem determinado por interesses particulares e singulares.

Pensamos que a ideia de relação é oportuna quando nos referimos à ética, ela supõe comprometimento. Estarmos comprometido é termos a exata dimensão do outro, pois o compromisso é com algo ou alguém, supõe uma postura de saída de si mesmo, quebra com a ideia do “indivíduo” fechado. É abertura, é responsabilidade, é partilha; é ter compaixão pelo outro enquanto ser que diz respeito a mim e enquanto possibilidade de realização minha como ser coletivo e do outro como ser político, intersubjetivo. O ser social, intersubjetivo, é característica ontológica, fundamental do humano, nos define nos determina. E a ética é este responsabilizar-nos por nós e pelo outro nesta relação vital de mútua necessidade de afirmação humana enquanto nos construímos como humanos. Etimologicamente, responsabilidade, significa o dever de responder ao outro, a necessidade de dar respostas a uma outra proposta. “Ser ético é poder assumir os interesses do outro até mesmo quando eles não coincidem com os nossos. São assumidos porque são percebidos como justos e retos” (BOFF, 2000, p. 79).

É coerente afirmar que a presença da discussão ética está cada vez mais acentuada no ensino da filosofia, tornando os questionamentos e os debates mais críticos, rigorosos e vigentes. Ao encontro desta ideia, Martini supõe que a ética “(...) é uma reflexão filosófica sobre os comportamentos humanos e sobre o seu sentido último” (1993, p. 10). Hodiernamente, os discursos apontam para o entendimento e compreensão de que a ética está presente na vida das pessoas, o que é extremamente positivo. Outrora, progressivamente ela foi apropriada pelas políticas públicas, pelo senso comum, e por diversas áreas do conhecimento, perdendo aos poucos, o rigor crítico necessário para a reflexão. Sobre essa situação, Beauvoir (1967) afirma que devemos reconciliar a moral e a política, pois desta forma poderemos reconciliar o homem consigo mesmo, considerando a abrangência e a importância de sua totalidade.

Por outro lado, estamos diante de um conflito em que é preciso saber respeitar às opiniões de outras culturas, de outras realidades, respeitando a vida e tudo que a cerca. É por essa via de compreensão que a ética passa a ser analisada na ótica de Chauí como o “(...) estudo dos valores morais, da relação entre vontade e paixão, vontade e razão, e principalmente pelas ideias que vão desde a liberdade até a obrigação” (1999b, p.55). Todavia, enquanto condição de “sujeito ético” é preciso ultrapassar o estado racional consciente, levando em consideração que o fazer e o agir deveriam assumir a responsabilidade, a liberdade e principalmente autonomia, diante das escolhas, pois é destes

que resultam os conflitos entre a vontade do agente ético e a heteronímia dos valores postos pela sociedade.

Precisamos ser éticos por muitas razões, mas há uma razão fundamental que é a condição em que o homem se encontra e a consequente liberdade que possuímos para agir decorrente disso. Como humanos temos muitas oportunidades de nos reinventar-nos, mas em determinadas situações da vida corremos riscos que podem comprometer nossa existência e a sobrevivência da Terra. Portanto se faz necessário toda atenção e zelo na relação com o outro e com o mundo. Agir de modo a não pôr em risco nossa existência e a do outro pode se tornar um imperativo ético fundamental. “O ser humano, politicamente, não quer ser beneficiário, mas participante” (BOFF, 2000, p. 81).

Por meio desta explanação, poderemos repensar sobre a constituição da moralidade nas instituições de ensino, pois é por meio da ação ética, que garantiremos a realização da natureza racional, livre e responsável do sujeito. Freire por sua vez, enfatiza com rigorosidade sobre a importância de assumirmos toda causa com rigorosidade ética, no entanto, afirma o autor: “Mas, é preciso deixar claro que a ética de que falo não é a ética menor, restrita, do mercado, que se curva obediente aos interesses do lucro (...) falo da Ética universal dos seres humanos, que condena o cinismo, que condena a exploração da força de trabalho do ser humano” (1996, p. 16-17),

Por esta via, compreendemos que a ética explicita uma tarefa crítica, ou seja, apresenta uma das principais inquietações para o campo da filosofia, onde o rigor para as práticas de aprendizagens deve ser permanente. Por outro lado, poderemos pensar: Educamos para que e para quem? Educamos para a vida, para a transformação ou para a formação? Essas questões são pertinentes para as discussões contemporâneas, pois nos remetem a pensar sobre a importância do ato de educar e aprender através do conhecimento e experiências, colocando em questão o poder do saber, o poder das autoridades constituídas e seus estatutos de verdade. Essas reflexões têm por imperativo colocar em movimento reflexivo as inquietações, os limites e as possibilidades da própria educação, onde a liberdade, a autoridade e a ética se cruzam, se enfrentam, na perspectiva de que algo novo e melhor possa vir ao encontro da humanidade.

A vida é relação e relação supõe a compreensão do homem como um ser coletivo, uma extensão de um universo maior que só existe para nós por que assim o percebemos e com ele nos relacionamos. Na dimensão ética esta relação não deve dar-se, unicamente, em função de interesses econômicos, produtivos, espoliativo, mas como manifestação própria do humano,

como constitutivamente fundado nas relações ou inter-relações que estabelece com o meio e com os outros. Para esta relação precisamos ser habituados, educados. O homem não nasce ético, precisa construir-se como tal. Para Gadotti (2003), educar para conquistar um vínculo amoroso com a Terra, não para explorá-la, mas para amá-la.

1 A reflexão ética filosófica para o mundo da vida

É fundamental pensarmos como a ética se constitui enquanto reflexão filosófica, uma vez que a mesma tem uma relação estritamente humana, pois acompanha a historicidade e os fatos da relação do homem com o meio. A ética compreende o sujeito histórico sob o aspecto natural e social, incluindo todo e qualquer aspecto determinado pela condição de existência. O fato é que, todos nós temos direito a condição ontológica da esperança enquanto fundamento ético e racional da *intervenção* nos processos formativos. Por exemplo, no meio educativo é fundamental perguntar sobre qual o grau de legitimidade que torna a vida necessária em todas as instâncias. Para responder a essa questão é preciso considerar que vivemos um momento histórico de desconstrução, imanência e transcendência, presenciamos e testemunhamos apologias do fim da história e das ideologias, projetando uma reconciliação com o princípio realidade, reconhecendo assim, o capitalismo globalizado.

Nesta ótica, seria possível e viável o homem renunciar essa transcendência? O sonho coletivo é tarefa e escolha livre, podendo ser acolhido e produzido pela escola, onde a justiça social, superação de desigualdades atreladas a classe, sexo e raça podem ser, experimentalmente, superadas; no entanto, segundo McLaren, só será possível “(...) se as escolas ajudarem suas alunas e alunos a analisar o modo como suas subjetividades foram ideologicamente formadas, no interior das forças e das relações de exploração do capitalismo transnacional globalizado” (1999, p. 39) Por esta via de análise, Sennett afirma que é imperativo proclamar que “(...) um regime que não oferece aos seres humanos motivos para ligarem uns para os outros não pode preservar sua legitimidade por muito tempo” (1999, p. 176). Por ora, é imprescindível a pergunta: Afinal, quem precisa do próximo, do outro, enquanto a indiferença irradiada pelo modelo capitalista torna-se natural por descartar pessoas? Aqui está posta a dimensão da luta, e com as palavras de Emir Sader a explicação de que entre aqueles que querem viver da “(...) exploração, discriminando os homens pela cor de sua pele; por sua religião, pelo dinheiro que podem ter e a luta daqueles que tratam de que todos os homens sejam iguais, de que todas as oportunidades sejam as mesmas” (1999, p. 93).

Seria esse o imperativo da mudança para alterar as condições de injustiça, desigualdades e exclusões? A tolerância, o respeito ao diferente, a necessária exposição de argumentos, a organização de síntese provisória, é tarefa de todos, mas principalmente dos que educam e conseguem indignar-se diante de um mundo que vive um momento de perplexidade.

Luckesi compreende que as relações entre a educação e a filosofia parecem ser naturais, na medida em que “(...) a educação trabalha com o desenvolvimento dos jovens e das novas gerações de uma sociedade, a filosofia é a reflexão sobre o que e como devem ser ou desenvolver estes jovens e esta sociedade” (1990, p. 31). Para o mundo da filosofia, cabe assumir a sua tarefa como ciência do fim último da razão humana, com o intuito de tematizar as possibilidades de uma práxis racional. Também, é por meio de um agir filosófico que problematizamos a realidade como ela é em nossas vidas e na sociedade. O filosofar na dimensão e no mundo ético, consiste na crítica permanente do *ethos*, isto é, na orientação de vida pautada na responsabilidade e na solidariedade do homem por si mesmo e pelo próximo. A filosofia deve tematizar e assumir a possibilidade de uma práxis racional, a fim de tornar possível a lucidez de que a nossa vida é interpretada segundo Japiassu: “(...) por uma exigência de verdade que deve incitar-nos a ultrapassar os limites particulares do vivido. Filosofar é interrogar-se sobre os fins que perseguimos, sobre o valor dos acontecimentos que podem nos esclarecer e sobre as condições mesmas de nossa ação” (1997, p. 31). Segundo o olhar do autor citado, devemos ultrapassar as particularidades, questionar os fins, os valores e as possibilidades do nosso agir, diante de nós mesmos.

A filosofia é prática de conhecimento que aborda, discute e reflete os fundamentos da prática humana diária, em suas diversas dimensões: existencial, política, social, etc. Luckesi define a filosofia como “(...) um entendimento que tem por objetivo uma compreensão do mundo que auxilia o ser humano no norteamo de sua vida” (2000, p. 74). A compreensão filosófica que cada um de nós vier assumir deverá dar direção às nossas ações, sejam de que natureza forem, de forma coerente.

A filosofia é desafiada “(...) a revelar o sentido das ações humanas. A questionar todo pensamento, todo conhecimento, toda atitude e toda ação quanto a seu ‘em vista do quê?’ e a seu ‘por quê?’” (JAPIASSU, 1997, p. 15). Auxilia homens a pensar no que fazem, em sua vida e na sociedade segundo referenciais éticos e políticos gerais e, ao mesmo tempo, leva-os ao exercício cotidiano da liberdade de espírito sempre renascente. É interrogar-se sobre os fins que perseguimos, sobre o valor do conhecimento e sobre as condições mesmas de nossa ação.

No entanto, a reflexão ética como atividade filosófica, dirige-se às normas e aos valores existentes na sociedade, e como atividade na educação, implica em poder construir conhecimentos, conceitos e paradigmas. Neste intento, educar cidadãos capazes de questionar e fundamentar valores radicalmente críticos e éticos é um desafio necessário, tanto que Freire complementa:

Na compreensão da História como possibilidade, o amanhã é problemático. Para que ele venha é preciso que o construamos mediante a transformação do hoje. Há possibilidades para diferentes amanhãs. A luta já não se reduz a retardar o que virá ou a assegurar a sua chegada; é preciso reinventar o mundo. A educação é indispensável nessa reinvenção. Assumirmo-nos como sujeitos e objetos da História nos torna seres da decisão da ruptura. Seres éticos (2006, p. 40).

É primordial fazermos uma reflexão sobre o ato de educar, considerando sempre as divergências em torno do atual debate que cerca o tema da ética. Neste âmbito, a razão da importância da modernidade nas atuais discussões acerca da relação com a ética e a filosofia, é premente. Na análise de Giacóia a Responsabilidade é “(...) uma das mais importantes contribuições que a filosofia contemporânea oferece para a reflexão dos problemas éticos emergentes” (2001, p. 194). Somente com princípios éticos e responsáveis poderemos fundamentar um discurso potencialmente pedagógico, a fim de justificar a importância da educação com abrangência em todos os níveis de formação humana, contemplando a vida como parte essencial e fundamental para a esfera planetária. Ao contrário, voltaremos ao reducionismo, ou criaremos um novo antropocentrismo. Todavia, é fundamental o diálogo, a construção e a desconstrução de novos e velhos preceitos éticos, a fim de ressaltar a necessidade de uma coletividade que possa refletir e agir perante a vida. Isso indica a possibilidade de implementar propostas educativas contemporâneas e inovadoras quando desenvolvidas de maneira que compreenda as exigências do agir coletivo e da práxis humana.

O educador Pedro Georgen argumenta que as novas gerações devem estar “(...) familiarizadas com as tradições ético-morais para, num processo racional, discursivo internalizarem aqueles princípios que resultarem desse processo como convenientes para a comunidade” (2001, p. 80). O educador desempenha um papel fundamental tanto na prática como na teoria, pois é através de seus conhecimentos e ensinamentos que poderemos propagar e vivenciar valores acerca da cidadania, responsabilidade e princípios éticos morais.

Nesse sentido, o educador pode ser um facilitador nas relações educativas, quando convencido de que ensinar não é “transmitir” informações, e sim, um processo em que educando reconheça a capacidade para desenvolver o gosto pelo aprender, pela sabedoria,

pela ética, pelos respeito, solidariedade e principalmente na constituição de uma sociedade menos injusta, mais solidaria e ética.

Considerações finais

Como humanos nos educamos, procuramos nos completar-nos e ao mesmo tempo, mantemos uma relação de diálogo com o mundo e com o outro, procurando saber mais a seu respeito e de como se dá a dinâmica existencial nossa e dos demais seres. Desenvolvemos várias funções biológicas animais, fazemos cultura, perguntamos pelo amanhã, pelo outro, pelo sentido de nossos atos. Porque buscamos preservar e conservar aqueles princípios fundamentais que dizem respeito à manutenção da vida humana nos humanizamos cada vez mais. Respeito este próprio dos seres que sentem e desejam a preservação do outro, seu semelhante, que partilha um espaço vital no qual a sobrevivência de um está imbricada na do outro. “Cortar a capacidade de relação, impedir a responsabilidade pessoal e coletiva, obstruir a capacidade de sentir o outro e de deixar-se envolver por sua vida e causa implica desconsiderar a dignidade humana, fonte de todos os valores” (BOFF, 2000, p. 79).

Nós, enquanto educadores, temos que educar partindo da radicalidade e da rigorosidade das problemáticas vigentes, para poder então contribuir com reflexões e ponderações sobre como educar em tempos de crise, em tempos de civilização tecnológica. Talvez esse seja um dos motivos que faça com que acreditemos e apostamos na filosofia. Pois a mesma, além de articular saberes e conhecimentos, aponta caminhos viáveis diante das incertezas. Por exemplo, a Técnica Moderna foi ganhando autonomia e poder diante da inconsistência das éticas tradicionais, despertando sentimentos contraditórios na humanidade. De um lado, apresentando enormes benefícios à humanidade, e de outro, enormes prejuízos e impactos. Neste sentido, como a filosofia poderia contribuir para o debate em torno destas questões? Com o ensino, diálogo, análise e reflexão. A filosofia pode e deve estar presente no ensino e a ética, pode e deve estar presente na vida das pessoas, pois ambas analisam os problemas que são apresentados e vivenciados nas relações existentes entre a civilização. Neste sentido, argumenta Cartolano, a atividade filosófica deve estar interligada com a prática social “(...) ser instrumento teórico de seu conhecimento e de sua transformação e não apenas contemplação do real, o que implicaria, consequentemente, uma crença na imutabilidade do mundo e dos homens” (1985, p. 84).

Desta crença no outro, que é uma crença na possibilidade do humano, nasce uma ética da alteridade. Sem ética nada mais tem valor, pois encharcamos-nos nos interesses egoístas e individualistas contrários aos interesses dos outros e da comunidade, num conviver-com. Fazer o bem e evitar o mal não é somente um imperativo ético, condição da existência coletiva, como também é um chamado à libertação do homem, à instalação de sua dignidade. Para Boff (2000), a sociedade como um todo somente é sã se predominarem as relações de inclusão, relações de solidariedade entre todos, relações de reciprocidade e de complementaridade. Assim, cada ser humano se torna responsável pelo mundo, porque na relação para com ele e com as pessoas ajuda a criá-lo e recriá-lo permanentemente.

Ética é acima de tudo relação, pois só vamos ter a percepção, a clareza de nossos atos nas relações que estabelecemos ou que outros estabelecem conosco. Saber se o ato é bom ou mau somente é possível a partir da pergunta do porquê, com que finalidade, com que intenção, isto é, qual o sentido e o desejo, ou o que pretendemos atingir quando de nossa ação. Os homens e as mulheres são seres capazes de agir eticamente, como também de transgredir a ética. “Neste sentido, a transgressão dos princípios éticos é uma possibilidade, mas não é uma virtude. Não podemos aceitá-la” (FREIRE, 1996, p. 19).

Como não podemos obrigar os homens ou dirigir sua vontade é preciso criar consciência ética nos mesmos, e a educação é um espaço privilegiado para isso. Como sabemos que os homens e as mulheres podem escolher, devemos trabalhar no sentido de uma educação das escolhas, da vontade dos homens e das mulheres; da construção de relações pautadas por princípios de respeito ao outro, de convivialidade, de justiça. Ética é justiça. E a prática educativa deve caminhar no sentido da justiça e da equidade para que possa cumprir um de seus grandes objetivos que é de continuar a tarefa da criação e aprimoramento do mundo pelas mãos dos homens e mulheres que perguntam, produzem conhecimento e fazem ciência.

Por fim, pensar filosoficamente, com critérios, análise e rigor ético, é um caminho viável para as práticas educativas, pois à medida que o ser humano for capaz de compreender e analisar suas práticas, seu modo de ver e vivenciar o mundo, terá condições de tornar-se um sujeito crítico, reflexivo, e ético. É neste processo que a ética, compreende o sujeito histórico sob o aspecto natural e social, e nestes incluem-se o comportamento e todos aspectos determinados pelas condições da existência, importantes para justificar a necessidade de um pensamento ancorado no mundo da vida.

Referências

- BEAUVOIR, S de. **O existencialismo e a sabedoria das nações**. Lisboa: Estampa, 1967.
- BOFF, Leonardo. **A voz do arco-íris**. Brasília: Letra viva, 2000.
- CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1999b.
- CARTOLANO, M,T,P. **Filosofia no ensino de 2º grau**. SP: Cortez, 1985.
- FREIRE, P. **A sombra desta Mangueira**. 8. ed. São Paulo: Olho d'Água, 2006.
- _____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**, 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido**. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.
- JAPIASSU, H. **Um desafio à filosofia: pensar-se nos dias de hoje**. São Paulo: Letras & Letras, 1997.
- LUCKESI, C. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1990.
- _____. **Introdução à filosofia: aprendendo a pensar**. São Paulo: Cortez, 2000.
- MARTINI, C.M. **Viagem pelo vocabulário da ética**. São Paulo: Paulus, 1993, p. 10.
- MARZÁ, D, G. **Teoría de la Democracia**. Valência: NAU llibres, 1993.
- MCLAREN, P. **Utopias provisórias: as pedagogias críticas num cenário pós-colonial**. Trad. Helena Beatriz Mascarenhas de Souza. Petrópolis: Vozes, 1999.
- RIOS, T, A. **Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade**. São Paulo: Cortez, 2001.
- SENNETT, R. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- SADER, E. **Sem perder a ternura: pequeno livro de pensamentos de Che Guevara**. RJ: Record, 1999.
- VÁZQUEZ, A. S. **Ética**. 22. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.